



BIOTIPAGEM NO FUTEBOL DE BASE: CORPO, EXCLUSÃO E BIOTECNOLOGIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE GOLEIROS

THE FABRIC OF THE PROMISING BODY: BIOTYPOLOGY, EXCLUSION, AND BIOTECHNOLOGIES IN YOUTH FOOTBALL GOALKEEPER DEVELOPMENT

BIOTIPIFICACIÓN EN EL FÚTBOL DE BASE: CUERPO, EXCLUSIÓN Y BIOTECNOLOGÍAS EN EL PROCESO DE FORMACIÓN DE PORTEROS

Walter Reyes Boehl • Mauro Myskiw

Resumo

O presente artigo analisa como a estatura corporal opera como critério de inclusão, exclusão e hierarquização nos centros de formação de futebol de base, reconfigurando a experiência esportiva de jovens atletas e introduzindo mecanismos de controle e intervenção biomédica. Ancorado nos aportes teóricos da biopolítica de Michel Foucault e do habitus de Pierre Bourdieu, o estudo discute a transformação do corpo juvenil em capital biológico avaliado por métricas mercadológicas de rendimento e antecipação de valor. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico multissituacional, realizada entre 2018 e 2021 em centros de formação do Rio Grande do Sul. Utiliza-se a trajetória de um jovem goleiro como um caso típico ideal weberiano para desvelar processos estruturantes compartilhados no campo futebolístico. Os resultados indicam que o processo formativo subordina as competências tático-cognitivas e técnicas a um ideal biométrico idealizado, no qual a estatura atua como signo de legitimidade e crédito simbólico antecipado. Diante da ameaça de exclusão imposta por esse filtro seletivo, mapeia-se a busca familiar por recursos biotecnológicos e medicalização (como intervenções hormonais e suplementação dirigida). Conclui-se que o futebol de base atua como um dispositivo de triagem socioeconômica e biológica que converte desigualdades de capital em assimetrias corporais, naturalizando a exclusão de corpos plenamente funcionais que não correspondem à previsibilidade e legibilidade exigidas pela indústria esportiva.

Palavras-chave: Biotipagem; Categorias de Base; Formação de Goleiros; Biopolítica; Biotecnologia.

Abstract

This paper analyzes how body height operates as a criterion for inclusion, exclusion, and hierarchy in youth football academies, reconfiguring the sporting experience of young athletes and introducing mechanisms of control and biomedical intervention. Anchored in the theoretical frameworks of Michel Foucault's biopolitics and Pierre Bourdieu's habitus, the study discusses the transformation of the youth body into biological capital evaluated through market metrics of performance and anticipated value. Methodologically, the research is based on a qualitative multi-sited ethnographic approach conducted between 2018 and 2021 in training centers in Rio Grande do Sul, Brazil. A young goalkeeper's trajectory is utilized as a Weberian ideal typical case to unveil structural processes shared within the football field. The results indicate that the training process subordinates tactical-cognitive and technical skills to an idealized biometric standard, in which height acts as a sign of legitimacy and anticipated symbolic credit. Faced with the threat of exclusion imposed by this selective filter, the study maps the familial pursuit of biotechnological resources and medicalization (such as hormonal interventions and targeted supplementation). The paper concludes that youth football acts as both a socioeconomic and biological sorting device that converts inequalities of capital into bodily asymmetries, naturalizing the exclusion of fully functional bodies that do not fit the predictability and legibility demanded by the sports industry.

Keywords: Biotypology; Youth Academies; Goalkeeper Development; Biopolitics; Biotechnology.

Resumen

El presente artículo analiza cómo la estatura corporal opera como criterio de inclusión, exclusión y jerarquización en los centros de formación de fútbol de base, reconfigurando la experiencia deportiva de jóvenes atletas e introduciendo mecanismos de control e intervención biomédica. Anclado en los aportes teóricos de la biopolítica de Michel Foucault y del habitus de Pierre





Bourdieu, el estudio discute la transformación del cuerpo juvenil en capital biológico evaluado por métricas mercantiles de rendimiento y anticipación de valor. Metodológicamente, la investigación se fundamenta en un enfoque cualitativo de carácter etnográfico multisituado, realizado entre 2018 y 2021 en centros de formación de Rio Grande do Sul, Brasil. Se utiliza la trayectoria de un joven portero como un caso típico-ideal weberiano para desvelar procesos estructurales compartidos en el campo futbolístico. Los resultados indican que el proceso formativo subordina las competencias táctico-cognitivas y técnicas a un ideal biométrico idealizado, en el cual la estatura actúa como signo de legitimidad y crédito simbólico anticipado. Ante la amenaza de exclusión impuesta por este filtro selectivo, se mapea la búsqueda familiar de recursos biotecnológicos y medicalización (como intervenciones hormonales y suplementación dirigida). Se concluye que el fútbol de base actúa como un dispositivo de clasificación socioeconómica y biológica que convierte desigualdades de capital en asimetrías corporales, naturalizando la exclusión de cuerpos plenamente funcionales que no corresponden a la previsibilidad y legibilidad exigidas por la industria deportiva.

Palabras clave: Biotipificación; Categorías de Base; Formación de Porteros; Biopolítica; Biotecnología.

INTRODUÇÃO

O esporte contemporâneo articula, desde a infância, ao menos duas lógicas que raramente se separam por completo na prática: uma volta-se à formação, à experiência corporal e à convivência; outra mira o rendimento e a produção de atletas capazes de sustentar carreiras profissionais. No futebol brasileiro, essas duas lógicas coexistem desde as categorias de base, que funcionam simultaneamente como espaço de iniciação esportiva e como funil de seleção rumo ao profissionalismo (Damo, 2005). O futebol ocupa lugar central na cultura esportiva brasileira e constitui uma das principais vias de ascensão social pelo esporte, mobilizando clubes, famílias e diferentes agentes envolvidos na formação de atletas (Damo, 2005). Nesse contexto, consolida-se um mercado de formação que recruta jogadores desde a infância e envolve precocemente intermediários, familiares e instituições esportivas na construção das trajetórias rumo ao futebol profissional (Boehl; Myskiw, 2021).

Entre as posições do jogo, a de goleiro concentra expectativas corporais particulares. A pesquisa de Damo (2005) já identificara a estatura como fator preponderante nos critérios de seleção adotados para a posição, ao lado de atributos como envergadura e dimensão da palma da mão, o que distingue o goleiro das demais posições, nas quais o talento técnico costuma pesar mais do que o biotipo na avaliação de treinadores e olheiros.

Nos campos de treinamento das categorias de base, os corpos juvenis não são apenas treinados para o desempenho físico e técnico: eles são medidos, avaliados e categorizados dentro de uma lógica que antecipa futuros antes mesmo de sua plena maturação. Tal lógica aproxima-se da noção foucaultiana de biopolítica (Foucault, 2008), em que a vida é administrada por mecanismos de normatização e controle dos corpos, transformando o processo formativo em um filtro de trajetórias possíveis. Nesse contexto, a biotipagem emerge como critério decisivo para a permanência ou exclusão



(Damo, 2005; Spaggiari, 2014), configurando o corpo do atleta como capital biológico a ser monitorado, corrigido e projetado segundo parâmetros de rendimento (Rose, 2001).

Entre todas as posições, a de goleiro concentra expectativas simbólicas específicas. Mais do que desempenho técnico, exige-se que seu corpo projete autoridade, proteção e segurança coletiva. A estatura, nesse cenário, funciona como signo de legitimidade, uma espécie de pré-requisito para inspirar confiança de treinadores, dirigentes, mídias e torcedores, e cristaliza a percepção de quais corpos são considerados adequados ao sucesso esportivo (Bitencourt, 2017).

A centralidade da estatura na seleção de goleiros não é fenômeno recente nem exclusivo ao recorte etnográfico aqui apresentado. Thiengo *et al.* (2012) evidenciaram a estatura como um dos critérios historicamente mais mobilizados na identificação de goleiros no futebol brasileiro entre 1970 e 2005. Terra, Diniz e Abad (2015) corroboraram estatisticamente esse ponto ao verificar que os goleiros da Copa do Mundo de 2014 apresentaram estatura média significativamente superior a todas as demais posições. Silva e Rombaldi (2021), analisando as Copas de 2002 a 2014, não encontraram variação significativa na estatura de goleiros ao longo do tempo, mas sim entre continentes. Já em categorias de base, Pereira Junior, Oliveira e Delevatti (2018) verificaram que a maioria dos goleiros atravessa o pico de crescimento entre os doze e os catorze anos, justamente a faixa etária em que a permanência de jovens goleiros como Alexandre passa a ser condicionada a projeções sobre um corpo ainda em formação. Tais achados confirmam a estatura como padrão consolidado no futebol de elite e de base, o que intensifica, mais do que dissolve, a pergunta sobre os efeitos desse padrão quando antecipado sobre corpos ainda em maturação.

Este artigo, portanto, pergunta como a estatura corporal opera como critério de inclusão, exclusão e hierarquização nos centros de formação de futebol, e como esse critério se articula a intervenções biomédicas sobre o corpo juvenil. Ao articular etnografia empírica e aportes teóricos, busca-se compreender como práticas de biotipagem, expectativas mercadológicas e recursos biotecnológicos se entrelaçam na construção das trajetórias dos aspirantes a futebolistas.

A trajetória de Alexandre, jovem aspirante a goleiro, ilustra esse processo ao longo do artigo. A metodologia detalha, na sequência, porque essa trajetória foi escolhida como fio condutor da análise. Alexandre ingressou na pré-base de um clube do Sul do Brasil aos onze anos, destacando-se pela rapidez e leitura de jogo, mas sendo continuamente questionado por sua altura. Nas arquibancadas, ouvia-se que "bastava chutar por cima para ser gol", reduzindo sua performance a uma vulnerabilidade corporal. Apesar



de promessas sobre crescimento futuro, sua permanência era sempre condicional, dependente de uma expectativa especulativa sobre o corpo em devir.

O regime de valoração manifesta a força do *habitus* esportivo (Bourdieu, 1983), que hierarquiza corpos ao associar talento a características físicas específicas (Toledo, 2023). Para adequar-se ao modelo esperado, alternativas biomédicas passaram a ser consideradas, como suplementação, hormônios e acompanhamento médico, como capital a ser moldado (Goldenberg, 2010). Nesse processo, a fronteira entre normal e patológico torna-se uma construção social (Canguilhem, 1995), na qual corpos plenamente funcionais podem ser tratados como inadequados.

APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS

Este artigo deriva da dissertação de mestrado “Empresários de Futebol em ação: etnografias multissituacionais” e foca na relação entre estatura e a formação de goleiros nas categorias de base. A pesquisa foi conduzida entre 2018 e 2021 por meio de etnografia multissituacional (Marcus, 2001), abordagem que acompanha um mesmo fenômeno social por entre diferentes localidades e instituições, em vez de fixar a observação em um único espaço delimitado. O desenho se materializou no acompanhamento de centros de formação, estádios e eventos competitivos distribuídos por diferentes municípios do Rio Grande do Sul, incluindo Porto Alegre, Caxias do Sul, Igrejinha, Três Coroas, Santo Antônio da Patrulha, Campo Bom, Roca Sales, Santa Cruz do Sul e Santiago, entre outros, o que permitiu comparar trajetórias de goleiros distintos ao longo do período de campo e identificar padrões recorrentes entre instituições diferentes.

O acompanhamento envolveu observações participantes em treinos, jogos e eventos competitivos, registradas em caderno de campo e posteriormente redigidas em diários de campo, totalizando 95 diários ao longo da pesquisa. Em situações de impossibilidade de registro imediato, recorreu-se a memorandos de voz enviados por aplicativo de mensagens, posteriormente transcritos. As entrevistas, de caráter semiestruturado e formato aberto, foram conduzidas presencialmente ou por aplicativo de mensagens, conforme a disponibilidade dos interlocutores, e abordaram critérios de avaliação de goleiros, expectativas sobre desenvolvimento físico e o papel da família no acompanhamento da carreira esportiva. Os interlocutores mobilizados neste recorte incluem familiares de aspirantes a goleiro, treinadores de goleiros, um coordenador de categorias de base e um observador técnico.





A análise articulou esses registros a referenciais de Bourdieu e Foucault, buscando compreender como a estatura opera como critério de avaliação e hierarquização. Todos os participantes tiveram garantido o anonimato e a pesquisa seguiu os princípios éticos das Ciências Humanas. Alexandre e os demais nomes citados ao longo da análise são fictícios, atribuídos para preservar a identidade dos atletas, familiares e profissionais que colaboraram com a pesquisa; em alguns casos, também os nomes de instituições foram alterados com a mesma finalidade.

A escolha da trajetória de Alexandre como fio condutor analítico não se deve ao seu caráter excepcional, mas à sua recorrência empírica no campo pesquisado. Ao longo do trabalho de campo, situações análogas foram observadas em diferentes centros de formação, envolvendo goleiros com desempenho técnico reconhecido, mas cuja permanência era constantemente tensionada por expectativas biotípicas relacionadas à estatura. Nesse sentido, Alexandre constitui um caso típico, no sentido weberiano (Weber, 1999), que permite condensar processos amplamente disseminados no futebol de base, sem a pretensão de representar estatisticamente a totalidade das trajetórias acompanhadas. As cenas descritas, comentários de treinadores, pressões parentais, critérios antecipatórios de exclusão e a busca por intervenções corporais reapareceram de forma reiterada em distintos contextos institucionais, o que autoriza sua análise como expressão de uma lógica estruturante do campo, sem equivaler a um levantamento de opinião junto à totalidade de treinadores, goleiros e torcedores envolvidos na formação de base, mapeamento desse tipo não esteve entre os objetivos deste recorte.

O CORPO EM DISPUTA

Desde os primeiros treinos, Alexandre se destacava tecnicamente, o que levou treinadores e observadores a projetarem nele potencial para a posição. No entanto, sua estatura rapidamente se tornou um marcador negativo, mobilizando comentários recorrentes que antecipavam um prognóstico desfavorável, independentemente de seu desempenho.

O mesmo princípio de antecipação corporal apareceu em situação relatada durante a Copa Santiago Juvenil, em janeiro de 2019, em conversa com o auxiliar técnico da equipe Sub-17 da Sociedade Esportiva Palmeiras, presente à competição no Rio Grande do Sul. Segundo o relato, o goleiro Guilherme, então com quinze anos, destacava-se tecnicamente e acumulava convocações para a seleção brasileira na categoria Sub-15, mas sua permanência era ameaçada por projeções sobre a estatura, com idade óssea





de dezoito anos e 1,83m, a expectativa era de que não cresceria além daquela marca. A altura projetada, mais do que o rendimento técnico reconhecido, funcionava como critério decisivo, reforçando a lógica de exclusão que marca a biotipagem corporal. Essa lógica aprofunda a associação entre dom esportivo e atributos físicos específicos (Toledo, 2023).

Se entre os treinadores havia um discurso ambíguo, ora destacando o potencial técnico de Alexandre, ora sugerindo que precisaria crescer para continuar competindo, entre os pais dos outros jogadores sua presença era vista como um problema imediato. Para eles, manter um goleiro abaixo do esperado corporalmente representava um risco para o desempenho coletivo da equipe e, consequentemente, para a projeção de seus próprios filhos. Robson Jardim, pai de um dos atacantes do time, era um dos mais vocais em suas críticas: "Com o Alexandre no gol, é só chutar por cima que é gol. Como é que querem que a gente ganhe assim?". Sua insatisfação não estava ligada apenas aos resultados dentro de campo, mas à crença de que o sucesso do grupo dependia da adequação dos jogadores ao padrão estético esperado no futebol de alto nível.

A tensão em torno da escalação de Alexandre crescia conforme os jogos se tornavam mais competitivos. Se antes era escalado regularmente para amistosos e partidas menos decisivas, agora sua presença nos jogos era constantemente questionada. Nos treinos, a hierarquia entre os goleiros começava a se definir com base no biotipo. Jorge, o mais alto da categoria, era frequentemente elogiado pela comissão técnica: "Goleiro tem que ter presença de área. Com essa envergadura, fecha bem o gol". Betão, outro arqueiro do time, também era colocado à frente de Alexandre na rotação dos jogos, ainda que seu desempenho técnico não fosse superior. Essa dinâmica reflete a lógica de antecipação que permeia o futebol de base, em que os jogadores são avaliados não apenas pelo que são no presente, mas pelo que podem se tornar no futuro (Damo, 2005). Essa racionalidade é reiterada por Jorge Andrade, executivo das categorias de base do Internacional, que afirmou: "se o aspirante a goleiro, aos quatorze anos, não tiver 1,80m, não permanece no clube". A fala evidencia como a altura mínima funciona como dispositivo de corte, delimitando quem pode ou não seguir na trajetória.

Mesmo com a atualização da função, como destacou o treinador de goleiros Carlos Matias Schalber ao afirmar que "hoje, o goleiro tem que saber jogar com os pés, não é só mais defender", a estatura continua sendo pré-condição fundamental. O corpo do goleiro é, assim, simultaneamente projetado como futuro técnico e medido em centímetros, compondo um ideal biométrico que guia a formação.



Diante desse cenário, o próprio Grêmio oscilava entre reconhecer o talento de Alexandre e duvidar de sua capacidade de atender às exigências futuras do futebol profissional. Durante uma conversa informal com os pais, o coordenador técnico Alvarez Silva tentou equilibrar os discursos. "O Alexandre tem muito potencial técnico, é só treinar bem e ele ainda vai crescer. Vocês verão. Por isso, não posso descartar nenhum menino que tenha qualidade e que ainda não maturou". Sua fala evidenciava o dilema da comissão técnica: enquanto a estatura de Alexandre ainda podia ser modificada com o tempo, os treinadores precisavam lidar com a pressão de selecionar jogadores que correspondessem ao perfil esperado pelos clubes profissionais.

Aos poucos, a incerteza sobre o futuro de Alexandre no clube se intensificava. Sua permanência no grupo aparentava não depender apenas de seu desempenho técnico ou de sua dedicação aos treinos, mas da capacidade de seu corpo corresponder a um modelo preestabelecido de atleta. Ainda que demonstrasse habilidades valorizadas na posição de goleiro, como tempo de reação, leitura de jogo e capacidade de antecipação, essas qualidades eram constantemente ofuscadas pela percepção de que sua estatura representava um risco para o sucesso do time.

A disparidade na valorização dos corpos ficava ainda mais evidente quando comparada à trajetória de Diego, outro goleiro da mesma geração, vinculado à base do Grêmio em 2015. Diego era visivelmente mais alto que Alexandre, com estatura próxima a 1,85m ainda na adolescência, mas apresentava dificuldades recorrentes nas leituras de jogo, na velocidade de reação e no posicionamento. Apesar disso, foi promovido para categorias superiores com frequência. Segundo relatos de um treinador do clube, "o Diego ainda tem muito o que melhorar, mas com esse tamanho dá para trabalhar. Já tem o que precisa para parecer goleiro". A expressão "parecer goleiro" condensava a lógica visual que guiava parte do processo de seleção. A altura, mais do que a técnica, funcionava como passaporte simbólico para a ascensão nas categorias de base.

No caso de Diego, a estatura atuava como um signo de legitimidade antecipada, compensando tecnicamente sua performance. Seu corpo "correto" produzia reconhecimento e expectativa, mesmo diante de limitações táticas visíveis. Para Wacquant (2002), o corpo atlético é permanentemente monitorado e avaliado como projeto de investimento. O que se vê no caso de Diego é a antecipação de um potencial fictício, em que o biotipo funciona como garantia de futuro mesmo quando o presente não o justifica. O "corpo promissor", por seu turno, é valorizado por aquilo que poderá vir a ser, e não por aquilo que entrega no presente. A categoria merece atenção: ela revela como o campo



formativo opera não apenas sobre performances observáveis, mas sobre projeções antecipatórias que têm o corpo como suporte de crédito simbólico.

A insistência na biotipagem como critério determinante reforçava, assim, uma lógica de exclusão e inclusão que ia além das exigências técnicas da posição e se estendia à legitimação de certos corpos como mais aptos para o futebol profissional. Para Alexandre, essa expectativa impunha não apenas um obstáculo ao seu desenvolvimento esportivo, mas também um dilema: permanecer no clube exigia mais do que treino e dedicação. Exigia que seu corpo fosse transformado para se adequar às demandas externas. Diante desse cenário, sua família passou a considerar alternativas biomédicas como forma de viabilizar sua continuidade na equipe. O acompanhamento médico, a suplementação alimentar e a possibilidade do uso de hormônios do crescimento tornaram-se temas recorrentes nas conversas entre seus familiares e treinadores. Nesse processo, Alexandre deixou de ser apenas um jovem jogador em busca de aprimoramento técnico e passou a ser um corpo em disputa, um corpo que precisava ser moldado para garantir sua permanência e sua ascensão no futebol.

A medicalização dos corpos, nesse sentido, como estratégia para garantir a competitividade não é específica ao caso de Alexandre. Como aponta Goldenberg (2010), o corpo, no Brasil, é tratado como um capital a ser moldado, e essa lógica se estende também às categorias de base, em que a adequação física se torna um requisito para a continuidade no esporte. A busca por soluções biotecnológicas evidencia que o problema não era apenas o talento de Alexandre, mas sua capacidade de se enquadrar nos padrões estabelecidos pelo clube, pelos olheiros e pelo mercado esportivo.

Alexandre não foi descartado oficialmente. Foi progressivamente deslocado para um espaço de invisibilidade dentro do time. Sua permanência passou a depender menos de seu desempenho nos treinos e mais de sua capacidade de modificar seu corpo para corresponder às expectativas projetadas sobre ele. Como mostram estudos recentes, os processos formativos no futebol de base tendem a privilegiar corpos previsíveis, legíveis por métricas e modelos biomédicos. A ideia de talento, nesses casos, é reconfigurada por índices antropométricos e expectativas visuais, reduzindo o campo da imprevisibilidade criativa em favor de uma lógica de gestão antecipada do corpo.

"SE [ELE] JOGAR, VAMOS PERDER"

A cada nova escalação, Alexandre se tornava o centro de um embate que transcendia as quatro linhas do campo. Se, dentro do clube, sua permanência ainda era defendida por alguns treinadores





que viam margem para seu desenvolvimento físico, entre os pais dos outros jogadores sua presença no gol era interpretada como um risco coletivo. Para eles, a formação na base não era apenas um espaço de aprendizado e aprimoramento técnico, mas um funil competitivo (Damo, 2005), em que qualquer escolha da comissão técnica poderia impactar diretamente o futuro de seus filhos. Dentro dessa lógica, a insistência em um goleiro fora dos padrões físicos esperados parecia um erro estratégico, capaz de comprometer não apenas os resultados do time, mas as oportunidades de cada jogador ser notado por clubes maiores e olheiros do mercado esportivo.

A rejeição a Alexandre ficava evidente nos comentários que circulavam nas arquibancadas. Robson Jardim era um dos mais vocais: "O Alexandre vai como titular de novo? Querem dar mais chance para o adversário?". Outras falas variavam no tom, mas reiteravam a percepção de que sua escalação comprometia o futuro coletivo da equipe.

Além das críticas diretas ao seu desempenho, começaram a surgir suspeitas sobre os reais motivos por trás de sua permanência na equipe. Volnei, outro pai que frequentava os treinos, insinuava que havia influência externa nas convocações: "Aí tem! Não pode ser só isso. Devem estar levando um verde do pai do Alexandre". Essa suspeição revela como, no futebol de base, decisões técnicas são frequentemente interpretadas à luz de disputas simbólicas e redes de influência (Damo, 2005).

As críticas a Alexandre não se limitavam ao seu desempenho dentro de campo. Elas expressavam uma concepção mais ampla de corpo esportivo que orientava a seleção de jogadores desde as categorias de base. O corpo, no Brasil, não é apenas um elemento biológico, mas um capital que precisa ser constantemente moldado e otimizado para atender às expectativas sociais e mercadológicas. Esse princípio se manifesta de maneira intensa no futebol de base, em que a construção do corpo esportivo ideal passa pela adesão a padrões específicos de altura, força e envergadura, especialmente para posições como a de goleiro. Essa dinâmica manifesta a transformação do corpo do atleta em um objeto de intervenção e controle, em que a adequação física é vista como pré-requisito para o sucesso (Bitencourt, 2017).

Diante desse cenário, a pressão exercida pelos pais começou a ter impacto direto sobre as decisões da comissão técnica. Se antes Alexandre ainda era escalado em amistosos e jogos secundários, agora sua participação era cada vez mais reduzida. Os treinadores, cientes das expectativas dos dirigentes e da pressão externa, passaram a priorizar jogadores que já se encaixavam no biotipo desejado, como Jorge e Betão, cujas estaturas e perfis físicos se aproximavam do que era considerado ideal.



Ao contrário de outros jogadores que perdiam espaço e deixavam o clube, Alexandre e sua família buscaram alternativas para reverter a situação. Inspirados em casos de atletas que passaram por transformações físicas expressivas, começaram a considerar estratégias para modificar seu corpo e aumentar suas chances dentro do futebol competitivo. Suplementação alimentar, treinos específicos de força e impulsão e até mesmo tratamentos hormonais passaram a não ser apenas cogitados, mas realizados.

A busca por biotecnologias e métodos de otimização corporal não era um caso isolado, mas parte de um fenômeno mais amplo na formação esportiva de alto nível. No Brasil, onde o culto ao corpo se manifesta em diversas esferas sociais (Goldenberg, 2010), o uso de estratégias para adequação física no esporte juvenil reflete um modelo em que a naturalidade do corpo cede espaço para sua construção e otimização conforme as exigências do mercado.

A rejeição a Alexandre entre os pais dos outros atletas não era apenas uma crítica à sua performance, mas um sintoma da lógica de triagem que define quais corpos são aceitáveis no futebol de base. Para continuar disputando espaço na equipe, não bastava treinar mais ou melhorar sua técnica. Era preciso modificar seu corpo para se adequar ao perfil exigido pela indústria esportiva.

Se a trajetória de Alexandre exemplifica como a biotipagem se impõe como filtro de exclusão, a literatura especializada aponta que o desempenho de um goleiro não pode ser reduzido a medidas antropométricas. A posição exige habilidades que envolvem percepção tática, capacidade decisória e controle espacial dentro de um jogo dinâmico e imprevisível. Como destaca Spittle (2021), as habilidades do goleiro operam em múltiplas camadas: técnicas, táticas e estratégicas. Ações como espalmar uma bola ou sair do gol para interceptar um cruzamento são treinadas até se tornarem quase automáticas, mas essas ações isoladas não garantem eficácia na posição se não forem acompanhadas por pensamento tático apurado, envolvendo antecipação, tempo de reação e controle do espaço. O goleiro habilidoso não apenas executa defesas; calcula riscos, ajusta seu posicionamento em frações de segundo e toma decisões que influenciam o andamento da partida. Essa complexidade raramente aparecia nos critérios de seleção observados em campo. A envergadura e a impulsão eram hierarquizadas de modo a reduzir a posição a uma questão de medidas e índices, e o que Alexandre oferecia como jogador, aquilo que o tornava competitivo no presente, era o que a biotipagem não conseguia registrar.

MATÉRIA EM TRANSFORMAÇÃO





A trajetória de Alexandre no futebol de base não se resumiu às disputas simbólicas e materiais dentro do clube. Foi também marcada por uma busca incansável por estratégias que pudessem modificar seu corpo, ajustando-o às exigências da posição de goleiro. Se a altura era vista como critério essencial para sua permanência competitiva, a resposta de sua família e do próprio jogador não se limitou a aceitar a exclusão progressiva. Buscaram formas de potencializar seu desenvolvimento físico por meio de biotecnologias, suplementação alimentar e programas específicos de treinamento. Essa tentativa de adequação mostrava um fenômeno mais amplo no futebol de base e na cultura esportiva de alto rendimento, no qual o corpo do atleta é tratado como um capital que pode e deve ser moldado para atender às expectativas do mercado (Goldenberg, 2010).

No futebol juvenil, as estratégias para "corrigir" corpos considerados inadequados não são novidade. A preocupação com crescimento, força e explosão muscular leva muitas famílias a recorrerem a uma variedade de recursos, desde dietas hipercalóricas e treinos de força até tratamentos hormonais para aceleração do crescimento. Como destaca Bitencourt (2017), o corpo do atleta é frequentemente transformado em um Ciborgue, em que ciência e tecnologia são mobilizadas para superar limitações naturais.

O debate sobre o futuro de Alexandre se expandiu para além do clube e das disputas entre os pais. O questionamento central passou a ser se ainda havia tempo para que seu corpo se tornasse adequado ao futebol profissional. A busca por soluções biotecnológicas evidencia que o problema não era apenas o talento de Alexandre, mas sua capacidade de se enquadrar nos padrões estabelecidos pelo clube, pelos olheiros e pelo mercado esportivo.

A possibilidade de utilizar hormônio do crescimento foi sugerida por outros pais, que já haviam ouvido falar de casos semelhantes no esporte. Essa estratégia manifesta um fenômeno cada vez mais debatido: até que ponto o corpo esportivo pode ser modificado para atender às expectativas do mercado? Como aponta Enrico Spaggiari (2014), o corpo no esporte não é apenas treinado. Ele é reconfigurado, seja por meio de nutrição controlada, metodologias de treinamento avançadas ou pela intervenção biomédica direta.

A crença na eficácia de intervenções hormonais era reforçada, no campo pesquisado, por referências a trajetórias de jogadores profissionais que teriam passado por processos semelhantes na adolescência. As referências circulavam entre famílias e treinadores como narrativas de legitimação, funcionando como evidência informal de que a biotecnologia fora decisiva para o sucesso de outros: se



ela teria sido determinante na trajetória de quem chegou ao topo, sua mobilização no contexto da base deixava de ser lida como exceção e passava a ser incorporada como estratégia válida de ascensão. No caso de Alexandre, a busca por alternativas para crescer além do predito naturalmente não se tratava apenas de um desejo pessoal, mas de uma necessidade imposta pela lógica seletiva do futebol de base. Como destaca Toledo (2023), o "dom futebolístico" é frequentemente associado a características físicas específicas, criando uma hierarquia entre corpos que são vistos como naturalmente talentosos e aqueles que são marginalizados por não se encaixarem no padrão idealizado.

Além da questão do crescimento, Alexandre e sua família também começaram a investir em treinamento especializado para aumentar sua força e impulsão, tentando compensar a desvantagem da estatura por meio de um desenvolvimento físico diferenciado. A crença de que o corpo pode ser transformado para se adequar às exigências do esporte apresenta um modelo de atleta baseado na maleabilidade corporal, em que o sucesso não depende apenas do talento, mas da capacidade de moldar-se ao que é esperado. Esse fenômeno pode ser interpretado a partir do conceito de *habitus* esportivo de Bourdieu (1983), que sugere que a formação de um atleta não se dá apenas por meio da prática esportiva, mas também pela internalização de normas e exigências sociais sobre quais corpos são desejáveis e quais precisam ser ajustados.

Enquanto alguns atletas conseguem utilizar tratamentos de ponta para acelerar seu crescimento e desenvolvimento muscular, outros ficam restritos às suas condições naturais, sendo eliminados do sistema antes mesmo de terem a chance de amadurecer fisicamente. Essa desigualdade reforça a ideia de que o futebol de base não seleciona apenas os melhores jogadores, mas também aqueles cujas famílias têm acesso aos recursos necessários para ajustar seus corpos ao perfil exigido pelo mercado. No campo pesquisado, havia casos em que essa diferença era palpável: famílias com maior capital econômico contratavam endocrinologistas, nutricionistas esportivos e treinadores físicos particulares, enquanto outras dependiam integralmente do que o clube oferecia, que era pouco e padronizado. O acesso desigual às biotecnologias não era apenas uma questão de renda; reproduzia a hierarquia social dentro do próprio processo de formação esportiva.

BIOTECNOLOGIAS E (DES)IGUALDADES NO FUTEBOL DE BASE

À medida que a participação de Alexandre nos jogos se tornava cada vez mais esporádica, sua família começou a buscar alternativas para reverter essa situação. A questão da altura, que antes parecia





um destino inescapável, passou a ser encarada como um fator passível de intervenção. O mercado esportivo, cada vez mais pautado pela ciência e pela biotecnologia, oferecia soluções que prometiam reverter o que antes era considerado uma limitação natural. Como aponta Bitencourt (2017), o corpo do atleta é frequentemente transformado em um Ciborgue, em que ciência e tecnologia são mobilizadas para superar limitações naturais.

O uso de hormônios de crescimento, dietas especializadas e protocolos de treino voltados para a maximização do desenvolvimento corporal emergiram como alternativas viáveis dentro desse contexto. O corpo não é apenas um dado biológico, mas um capital que pode e deve ser moldado conforme as exigências sociais e mercadológicas (Goldenberg, 2010). No futebol juvenil, essa lógica se traduz na crescente normalização de práticas que buscam ajustar o corpo do atleta às expectativas esportivas, muitas vezes antes mesmo da completa maturação física. Como discutido por Toledo (2023), o "dom futebolístico" é frequentemente associado a características físicas específicas, criando uma hierarquia entre corpos que são vistos como naturalmente talentosos e aqueles que são marginalizados por não se encaixarem no padrão idealizado.

Os debates sobre a aplicação de tecnologias de otimização corporal no esporte não são novos. Edmonds e Sanabria (2016) apontam que, no Brasil, há uma relação íntima entre sucesso e transformação corporal, com um número crescente de jovens e suas famílias investindo em intervenções médicas para aumentar suas chances de ascensão social. Essa tendência é especialmente visível em esportes de alta competitividade, nos quais o corpo é um requisito determinante para a entrada e permanência no sistema. No caso de Alexandre, essa lógica se manifestou na busca por métodos que pudessem acelerar seu crescimento, assegurando sua continuidade dentro da equipe.

No entanto, a biotecnologia aplicada ao esporte também impõe dilemas éticos e desigualdades. Bourdieu (1983) argumenta que os capitais, econômico, social e cultural, se distribuem de forma desigual, garantindo que alguns grupos tenham acesso privilegiado às formas mais avançadas de construção do corpo ideal. Enquanto algumas famílias podem custear tratamentos sofisticados, como o uso de hormônios e programas personalizados de fortalecimento muscular, outras dependem exclusivamente daquilo que o próprio clube oferece. Isso cria um cenário em que a otimização do corpo não se dá de maneira homogênea, mas dentro de um sistema de oportunidades desiguais que reforça a seletividade no futebol de base.





Ao longo do tempo, Alexandre passou a seguir um programa de suplementação alimentar e treinos específicos para ganho de força e impulsão. Contudo, seu crescimento físico não acompanhava a velocidade da exigência do clube. A cada novo jogo em que não era escalado, sua família ponderava sobre o custo-benefício de continuar investindo na sua formação esportiva. A biotipagem não funcionava apenas como um critério de seleção, mas como um filtro que pressionava atletas e seus familiares a encontrarem estratégias para não serem excluídos.

Dessa forma, mais do que um espaço de aprendizado, o futebol de base se manifesta um ambiente de vigilância constante, no qual os corpos são continuamente monitorados e ajustados às demandas do mercado. No entanto, essa lógica não se aplica a todos de maneira igual. Aqueles que não conseguem modificar seus corpos dentro do tempo esperado acabam relegados a um lugar de invisibilidade, independentemente de seu talento técnico.

No caso de Alexandre, a biotecnologia apareceu como um último recurso para se manter competitivo. Contudo, sua trajetória mostrou que, mesmo com investimentos e tentativas de otimização, o tempo da biotecnologia nem sempre acompanha o tempo do futebol de base. A antecipação das expectativas físicas continua sendo um fator determinante, e aqueles que não atendem aos padrões exigidos enfrentam um processo gradual de exclusão, ainda que nunca sejam oficialmente dispensados do clube.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Alexandre evidencia que a biotipagem e a lógica de adequação corporal no futebol de base não operam como desvios ocasionais ou falhas de avaliação, mas como mecanismos estruturantes de exclusão e inclusão. Ao priorizar corpos alinhados a padrões hegemônicos, o sistema formativo não ignora habilidades técnicas e táticas; ele as subordina a uma racionalidade que privilegia previsibilidade, legibilidade corporal e antecipação de valor. Aquilo que costuma ser naturalizado como "cultura futebolística" revela-se, assim, um dispositivo produtivo de triagem, no qual o corpo do atleta é permanentemente avaliado, corrigido e projetado segundo expectativas mercadológicas e institucionais.

A pressão por conformidade corporal, particularmente intensa em posições como a de goleiro, não decorre de desconhecimento ou conservadorismo, mas de uma lógica de gestão do risco que transforma a diversidade corporal em ameaça e a padronização em virtude. A medicalização dos corpos juvenis e a busca por biotecnologias de otimização não aparecem, portanto, como excessos marginais,





mas como respostas coerentes a um sistema que exige que os corpos se ajustem ao tempo curto da formação esportiva. A categoria do "corpo promissor", revelada pela comparação entre as trajetórias de Alexandre e Diego, aponta para uma dimensão pouco tematizada desse processo: o valor do atleta no futebol de base não é apenas desempenho observável, mas crédito antecipado que o biotipo concede ou nega.

A desigualdade no acesso às biotecnologias adiciona uma camada a esse quadro. O futebol de base não opera apenas como um filtro biológico, mas como um filtro socioeconômico que converte diferenças de capital em diferenças de corpo. Famílias com mais recursos conseguem intervir sobre o desenvolvimento físico de seus filhos de maneiras que famílias sem esses recursos não conseguem, o que significa que a seleção esportiva, apresentada como meritocrática, reproduz desigualdades sociais já existentes.

Nesse sentido, o futebol de base não apenas seleciona talentos: ele produz hierarquias, naturaliza desigualdades e define, de forma antecipada, quais trajetórias são consideradas viáveis e quais são progressivamente empurradas para a invisibilidade. Compreender esses mecanismos é um passo para questionar práticas que afastam do esporte corpos que, como o de Alexandre, têm muito a oferecer, e que só parecem inadequados porque o sistema que os avalia foi construído para enxergar de outra forma.

A trajetória de Alexandre não esgota, no entanto, o conjunto de marcadores que atravessam a formação de goleiros no futebol de base. Cor da pele compõe, ao lado da estatura, um eixo relevante na hierarquização de corpos no esporte brasileiro, embora o material de campo levantado nesta pesquisa não sustente, com o mesmo nível de detalhe da análise sobre estatura, uma discussão consistente sobre esse cruzamento. Reconhecer esse limite parece mais produtivo do que estender uma leitura que os dados não sustentam plenamente, e o cruzamento entre biotipagem e raça permanece como direção relevante para pesquisas futuras sobre corpo e formação esportiva.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **O ciborgue**: corpo, técnica e ciência no futebol – uma etnografia de um centro de treinamento. 2017. 320 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.





BOEHL, Walter Reyes. **Empresários de futebol em ação**: etnografias multissituacionais. 2021. 257f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2021.

BOEHL, Walter Reyes; MYSKIW, Mauro. Uma breve análise das relações entre intermediários e jogadores de futebol menores de 16 anos. **Caderno de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 27-33, 2021.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 434f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

EDMONDS, Alexander; SANABRIA, Emilia. Entre saúde e aprimoramento: a engenharia do corpo por meio de cirurgias plásticas e terapias hormonais no Brasil. **História, ciências, saúde-manguinhos**, v. 23, p. 193-210, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). **O corpo como capital**: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

MARCUS, George E. Etnografia no/do sistema mundial. A emergência da etnografia multissítio. **Alteridades**, n. 22, p. 111-127, 2001.

PEREIRA JUNIOR, José Carlos de Mattos; OLIVEIRA, Henrique Bianchi; DELEVATTI, Rodrigo Sudatti. Pico de velocidade de crescimento em goleiros de categorias de base. **Revista brasileira de prescrição e fisiologia do exercício**, v. 12, n. 73, p. 198-204, 2018.

ROSE, Nikolas S. **The politics of life itself**: biomedicine, power, and subjectivity in the twenty-first century. Princeton, USA: Princeton University Press, 2001.

SILVA, Daniel Ricardi Crizel da; ROMBALDI, Airtton José. Perfil antropométrico de goleiros de futebol das seleções participantes das copas do mundo entre os anos de 2002/2014: um estudo comparativo. **Revista brasileira de futsal e futebol**, v. 12, n. 51, p. 697-704, 2021.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2014. 470f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SPITTLE, Michael. **Motor learning and skill acquisition**: applications for physical education and sport. London, England: Bloomsbury Publishing, 2021.





TERRA, Bruno Portella; DINIZ, Marcio Alves; ABAD, Cesar Cavinato Cal. Estatura dos jogadores que disputaram a Copa do Mundo conforme posição em campo. **Revista brasileira de futsal e futebol**, v. 7, n. 26, p. 447-454, 2015.

THIENGO, Carlos Rogério *et al.* Análise do processo histórico da identificação de goleiros para o futebol. **Revista mineira de educação física**, n. esp., p. 1440-1450, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. O dom de jogar e o torcer sem dom: extensões de uma categoria no contexto do futebol. **Revista de antropologia**, v. 66, p. 1-25, 2023.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1999.

Walter Reyes Boehl

<http://orcid.org/0000-0001-9655-4080>

<https://lattes.cnpq.br/2036170021235763>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

walterboehl11@gmail.com

Mauro Myskiw

<https://orcid.org/0000-0003-4689-3804>

<http://lattes.cnpq.br/3089650179595241>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

mmyskiw@hotmail.com

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1: Concepção e desenho da pesquisa; coleta de dados; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autor 2: Orientação, revisão e escrita conjunta do texto.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).





DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

BOEHL, Walter Reyes; MYSKIW, Mauro. Biotipagem no futebol de base: corpo, exclusão e biotecnologias no processo de formação de goleiros. **Corpoconsciência**, v. 30, e21737, p. 1-18, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e21737>.

Recebido em: 10/06/2026

Aprovado em: 12/08/2026

Publicado em: 05/10/2026

